



CONDIÇÕES FAVORÁVEIS A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: O CONTEXTO HISTORIOGRÁFICO

Tiago Valentin Ferreira¹.

¹ Graduando em História pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG),
tiagoferreira232014@hotmail.com

Resumo- O Presente artigo tem como objetivo identificar as condições políticas e econômicas dentre outros pontos que propiciaram a independência do Brasil em 1822, levando em conta a conjuntura dos séculos XVII ao XIX. Nossa pesquisa será baseada em levantamentos, estatísticas, documentos e textos de pesquisadores Franceses, Portugueses e Brasileiros considerando o envolvimento de suas nações nos acontecimentos trabalhados no texto, analisando vários fatores tais como conflitos entre França e Inglaterra, revolução Francesa e Revolução Industrial, acordos de *Methwen* em 1703 e *Treaty of Cooperation and Friendship* em 1810, pontos que de uma forma ou outra, direta ou indireta, política ou econômica afetaram as relações entre os diversos grupos da sociedade Luso-brasileira da época, culminando na problemática da crise econômica em Portugal e na insatisfação da população com esta situação, ressaltando que nosso objetivo é mostrar que as decisões políticas é que determinaram o caminho terminante para o desenrolar da independência do Brasil.

Palavras-chave: Luso-Brasileiro; Império Ultramarino; Mercantilismo.

Área do Conhecimento: História do Brasil.

INTRODUÇÃO

Brasil, durante mais de 300 anos foi uma colônia de extração pertencente a Portugal, em 1822 é declarado independente. Teve um período inicial de colonização marcado pela exploração de recursos naturais, destacando-se o Pau-Brasil, aproveitado para a retirada de sua seiva vermelha, que era utilizada como corante de tecidos. Com poucos anos a árvore que existia com relativa abundância na costa brasileira, passa a esgotar-se, e a coroa, insatisfeita, procura novas formas de explorar as riquezas desta terra tão cheia recursos naturais e beneficiada por uma estrutura geográfica excelente. Os colonos são encarregados de descobrir novas alternativas que garantiriam fundos a coroa, tão logo descobrem terras férteis ao norte e sudeste do da colônia. Nestas regiões se podia praticar o plantio da cana de açúcar devido ao tipo de solo, conhecido como massapê, que era propício para o plantio da cana, na época um artigo de luxo na Europa. As capitânicas de São Vicente e de Pernambuco logo veem grande prosperidade nesta nova atividade, inicia-se então um ciclo que perdura por mais de dois séculos como principal atividade econômica da colônia, o ciclo da cana de açúcar, marcado pelo trabalho escravo, pouca mobilidade social e grandes proveitos para os senhores de engenho e a coroa. Após mais de 200 anos da descoberta e do início do ciclo açucareiro, Portugal sente um queda em seus lucros com a exportação da cana,

alguns autores atribuem esta queda ao novo competidor deste mercado, Holanda, que era um antigo aliado na exportação e venda do produto, já outras fontes apontam dívidas principalmente com os Ingleses, tornando os ganhos derivados destas atividades não mais suficientes para manter o giro da economia.

A coroa procura então novas possibilidades para garantir os ganhos que sustentavam em boa parte a economia da metrópole. O Algodão e o tabaco, juntamente com as drogas do sertão se destacam e ganham espaço no fim do século XVII, dando destaque ao algodão que vê sua produção aumentar, assim como sua exportação e valor de mercado. Um dos pontos mais relevantes e que trás mudanças bruscas no sistema colonial é a descoberta do ouro e posteriormente sua vazão em grandes quantidades nas Minas Gerais. No início do século XVII a extração de ouro acontece, porém em pequenas quantidades, foi por volta da terceira década deste século que se descobre o ouro de aluvião nas proximidades de onde hoje se situa a cidade de Sabará em Minas Gerais. Com a descoberta ouve um aumento expressivo nas quantidades de ouro que eram extraídas da colônia, a população em questão de mais duas décadas iria aumentar também de modo significativo. Toda essa explosão fez movimentar e a economia interna da colônia, consequentemente aconteceram avanços na urbanização.

Sobre o mercantilismo podemos dizer que foi um dos coeficientes decisivos no processo de

independência do Brasil. A consolidação de Portugal nos comércios ultramarinos faz o país se prender a sua colônia de uma forma que não há retorno, a economia da metrópole necessita da produção que provem da colônia, e para complicar ainda mais a situação econômica firma-se entre Inglaterra e Portugal um novo acordo político-econômico, *Treaty of Cooperation and Friendship (1810)* beneficiando o comércio dos Ingleses para com as colônias Portuguesas, até mais do que os comerciantes da própria metrópole, além deste acordo, ainda era vigente o tratado de Methuen (1703) que garantia a Inglaterra o direito de compra de toda produção de vinhos Portugueses e assegurava a venda da produção de manufaturas dos Ingleses para os Lusitanos. A produção colonial que veio crescendo nas últimas décadas do século XVIII, se torna ainda mais vital, chegando a representar mais do que 60% da exportação Portuguesa, demonstrando que mesmo com o ciclo aurífero já em sua decadência esta colônia ainda dava lucros enormes e era essencial para manter o movimento da economia Lusitana.

Sobre os conflitos iremos abordar as guerras napoleônicas que foram importantes na disseminação das ideias liberalistas da época que contribuíram para declínio de alguns sistemas monárquicos da época. Portugal foi uma destas nações que sofreu com este problema, os ideais liberais, a revolução, a busca por uma igualdade ecoa por todas as planícies e rincões e vem a atravessar o mar atlântico chegando aos ouvidos de habitantes do Brasil, que tiveram acesso ao estudo e aos jornais europeus, e ate mesmo a outras camadas insatisfeitas com as taxas impostas pela coroa ou mesmo com as condições sociais e civis dos cidadãos e escravos. Uma coroa que de fato estava a milhas e milhas distantes e mesmo assim levava grande parte da produção, que, com suor fora retirada desta terra por mão de obra, quase sempre escrava, escravos estes que custavam caro aos seus donos. Não foi difícil para que estes ideais atingissem a mente de uns e outros e viessem a ter sua influencia na independência. Seja de forma indireta com as ideias liberais, ou de forma direta com espada, guilhotina e guerra, os confrontos causados pelas guerras napoleônicas definiram uma época.

Portugal se vê encurralado por pressões internas relativas à crise econômica da metrópole, pressões políticas vindas da colônia e pressões externas com os conflitos na Europa, estes e outros fatores o forçam a aceitar o desmembramento do Brasil de suas posses. Basearemos-nos em discussões de autores renomados com objetivo de demonstrar parte da estrutura da qual fez parte como fato importante a Independência do Brasil.

METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho foram utilizadas diversas fontes escritas, com vertentes que se contradizem para que se pudesse ter um panorama geral tanto do que estava acontecendo na colônia, quanto na metrópole. Utilizamos artigos científicos de renomados autores, artigos de internet devidamente tratados e de completa confiabilidades e obras de autores Portugueses que tratam da questão da crise econômica que ocorria em Portugal no recorte por nós abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Delimitar-nos-emos a discutir sobre os efeitos dos conflitos entre França e Inglaterra, objetivando entender as consequências destes sobre o império Luso-brasileiro.

O ano de 1806 será um dos mais memoráveis nos anais políticos da Europa. O reino de Nápoles é tirado ao seu legítimo soberano, para ser dado a José Bonaparte; a República da Holanda transforma-se em monarquia a favor de Luís; desfaz-se o Império Germânico, em desprezo das bases do tratado de Presburgo; e levanta-se a confederação do Reno, dominada por Napoleão com o título de Protector, a qual o imperador da Áustria é obrigado a reconhecer, renunciando ao título de imperador da Alemanha e aos direitos a ele anexos. Que agigantadas obras para serem concluídas em menos de seis meses! (RIBEIRO, *apud* NEVES, 2009, p.64).

Em 21 de novembro de 1806 Napoleão ordena o bloqueio continental à Inglaterra, e deixa Portugal em situação complicada devido a seus acordos mercantis e de amizade com os Ingleses. Portugal mantendo-se sempre neutro, sofre grandes pressões da França, com as tropas de Napoleão marchando rumo a Lisboa. O rei toma uma decisão um pouco incomum, partir temporariamente para a colônia ate a paz se restabelecer. (RIBEIRO, *apud* GOTTERI, 2009, p.64).

Ao partir ao Brasil e aceitar cumprir as exigências Francesas o comercio fica prejudicado e Portugal se vê isolado entre 1808 e 1814 das negociações com as Províncias Unidas, Hamburgo, Dinamarca e França e também parcialmente com Suécia, Rússia e Prússia, ficando restrito e mais dependente do comercio com Inglaterra (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p.125).

A respeito das ocupações Francesas em Portugal, dá-se a entender que o comercio de Lisboa e Porto ficou extremamente prejudicado, não só pelo bloqueio dos portos, mas pelo fato da colônia iniciar importações e comercio diretamente

com Inglaterra, depreciando as exportações de Portugal e as importações da metrópole para a colônia, já que as taxas para se negociar com Inglaterra eram mais baixas do que para se negociar com Portugal, o que justifica o aumento nas importações da Inglaterra para a colônia. (RIBEIRO, *apud* CROUZET, 2009, p. 64).

Concluindo então que esta pressão externa dos conflitos com o Franco-Espanhóis e a dependência do comércio com os Ingleses e também a partida da família real para a colônia influíram nos resultados econômicos negativos do comércio de Portugal.

2.2 POLÍTICA

Sobre as disposições políticas cabe afirmar que foi possivelmente o fator mais decisivo para que a colônia se tornasse independente de Portugal, ressaltando que fatores econômicos e conflitos tiveram sua atuação, mas foram às decisões políticas que guiaram Portugal aos rumos dos acontecimentos de 1822 na independência. No início do século XVIII Portugal firma um acordo com seus aliados Ingleses, nomeado tratado de *Methwen*, neste fica estabelecido que a Inglaterra tivesse exclusividade na importação de vinhos de Portugal, e Portugal seria comprador exclusivo de produtos manufaturados como tecidos etc. da Inglaterra, por tempo indeterminado (RIBEIRO, 2000, p. 29).

Após todo o decorrer do século XVIII, o açúcar volta a crescer em exportação e valor, e o comércio Português começa novamente a ascender, mesmo com estes números que apontam prosperidade surge uma crise que estava por vir cedo ou tarde, no Brasil ela se dá em forma de pequenas conspirações e rebeliões, tal como a Inconfidência Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798). Cabe a ressalva de que estas duas foram rebeliões com cunhos diferentes, e suas bandeiras levantadas por diferentes interesses, sendo a Conjuração Baiana um levantamento de caráter mais popular tanto em seus participantes quanto as suas reivindicações. A reação da coroa a respeito destes movimentos foi como esperada, punições severas e exemplares para evitar a propagação destas pequenas insurreições. Cabe-nos também lembrar que houve resposta virulenta aos vassallos da coroa que espalhavam de forma positiva o que estava acontecendo na França, exaltando o sistema comercial liberal, alguns até mesmo considerando o regicídio Francês correto, pois de acordo com eles o rei havia traído seu juramento. Os perseguidos neste caso foram membros da sociedade literata local que tinham acesso a jornais europeus e que tinham costume de ler Raynal, Mably, e Rousseau (MALERBA; SCHULTZ, 2006, p.125-130).

Outra decisão tomada para conter a infiltração destas ideias em sua colônia foi a vigilância dos portos para evitar que livros suspeitos chegassem ao comércio local, e também a entrada de pessoas sem aparentes motivos para estar nestas terras. Portugal tentava a todo custo manter sua neutralidade e evitar a propagação das ideias liberais, mas a situação foi complicando-se sendo difícil para a coroa atender as crescentes demandas de Napoleão e manter seus acordos firmados com Inglaterra (MALERBA; SCHULTZ, 2006, p. 129).

A coroa, que deveria fechar seus portos para os Ingleses e correr o risco de perder a posse de suas colônias por algum tempo, o que não seria nada viável do ponto de vista econômico, decide transferir-se para o Brasil, evitando toda a problemática europeia, pois poderia negociar diretamente da colônia onde não seriam impostas as regras estabelecidas por Napoleão. Porém a repercussão desta decisão acabou por não ser tão vantajosa para metrópole, a ideia de Souza Coutinho de que o Brasil poderia se tornar uma fortaleza contra as ameaças de independência da coroa iriam afinal a cair por terra. (MALERBA; SCHULTZ, 2006, p.130)

Para tentar salvar a monarquia, o Regente abandonava os Portugueses à sua sorte, na luta implacável que ia opor dois imperialismos. Abandonava também, violando promessas feitas, todos os regimentos estrangeiros ao seu serviço, em particular os regimentos de emigrados franceses que deixava à mercê das tropas napoleônicas. (RIBEIRO, *apud* GOTTERI, 2009, p. 68).

Já após a vinda da coroa para o Brasil, outro importante acordo é selado entre Portugal e Inglaterra, *Treaty of Cooperation and Friendship (1810)* onde se estabeleceram onze artigos e dois decretos, que, davam enormes vantagens à Inglaterra nos negócios com Portugal se suas colônias, principalmente a respeito das taxas que os Ingleses deveriam pagar nos negócios com a colônia e vice-versa, sendo este tratado o auge da dependência de Portugal para com os Ingleses.

Em questão de poucos anos o tratado repercutiu negativamente nos negócios do corpo mercantil de Lisboa, Porto etc. A insatisfação era crescente e atingiu a vários corpos desta sociedade, os lusitanos perderam demasiado espaço no comércio e viam-se e uma enorme crise, atribuíam a culpa desta as enormes vantagens concedidas aos Ingleses com *Methwen* e *Treaty of Cooperation and Friendship* (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p.130).

2.3 ECONOMIA

Em metade do século XVII Portugal sofre uma queda em seus ganhos com a colônia do Brasil, o comércio da cana de açúcar entra em declínio e o permanece em baixa durante quase um século, segundo grande parte dos autores da historiografia tradicional essa queda se deve a competição que surgiu quando os Holandeses, antigos aliados nas negociações do açúcar, começam a plantar a cana nas Antilhas, e como eles conheciam a parte do processo que não era feita no Brasil, o refino do açúcar e também detinham o transporte e os compradores, pois compravam do Brasil, refinavam e revendiam na Europa. Essas condições lhes deram vantagens e logo eles assumiram grande parte da venda do açúcar. Com essa baixa na exportação da cana de açúcar devido a forte concorrência com Holanda, Portugal busca opções para manter a entrada financeira que obtém com a colônia Brasileira, dois produtos se destacam e sua produção aumenta de modo extraordinário, tabaco e algodão. O algodão aumentou de forma tão impressionante que em mais ou menos uma década a produção aumentou cerca de dez vezes e o valor também aumentou. A colônia chega até o final do século XVIII como responsável por cerca de 30% do algodão importado pela Inglaterra (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p.64-65).

A economia começava a retornar aos seus eixos, até cerca de 1790 pode-se dizer que o volume de exportações dobrou, as exportações do açúcar aumentaram mais de 15% e seu valor chegou a subir além dos 17% e para a sorte de Portugal, justamente neste período, os preços dos produtos aumentaram cerca de três vezes e meia. Essa prosperidade do mercado nos últimos anos do século XVIII fez com que aumentassem também o número de engenhos, na Bahia, por exemplo, em 1759 havia em torno de 122 que passam a 260 em 1790 (MALERBA, 2006, p.64). Mesmo com toda essa prosperidade, percebe-se que não há eminência de uma revolução industrial Portuguesa, alguns autores atribuem essa demora dos demais países europeus na conclusão do processo de industrialização a questão da revolução industrial Inglesa, que acaba suprimindo o avanço das demais potências da época o que fez surgir uma relação de dependência entre elas, e a respeito de Portugal o que se percebe é cada vez mais uma vinculação da economia ao mercantilismo, o que deixou o país muito preso economicamente a suas colônias, sendo que elas quem detinham praticamente todo seu produto de exportação e preso também ao Inglaterra com quem havia firmado acordos político-econômicos (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p. 68).

Havemos também de fazer nossas considerações sobre o ciclo de extração aurífera no Brasil que se inicia com pequenas quantidades no início do século XVIII, quando apenas se achava ouro por pura sorte, não havendo uma busca pelo mesmo, e em questão de 20 anos com as descobertas de ouro de aluvião, as quantidades extraídas aumentam de forma considerável, aumentando também de forma considerável o desvio do ouro e o contrabando de mercadorias diversas, atraindo diversos aventureiros interessados em fazer fortuna, a febre do ouro acarreta também no aumento da população e no desenvolvimento urbano.

As grandes construções de Ouro Preto, por exemplo, a Casa dos Contos, a Câmara e Cadeia, o Palácio dos Governadores, as grandes igrejas, chafarizes e pontes, as obras do Aleijadinho são todas obras da segunda metade do século XVIII (PAULA, 1988, p. 426).

Este ciclo vê-se esgotado já ao fim do século. Também lembrando que devido a ele os olhos da coroa se viraram com mais interesse para as terras sul-americanas, não só pelo fato das riquezas imensuráveis, mas também pelas grandes quantidades de ouro que estavam sendo desviadas, não aos montes, mas pequenas quantidades, que podiam passar despercebidas pelos fiscais da coroa. O gráfico que veremos a frente deve ser observado com atenção para que possamos fazer um paralelo entre os lucros obtidos com o ouro e as decisões políticas do império Luso-Brasileiro durante o período de sua extração, visando entender que o fato do Brasil demonstrar ser uma terra rica, influenciou também na vinda da coroa Portuguesa para cá.

A economia galgava passos largos e prósperos até por volta de 1806, quando Napoleão promulga o decreto de Berlim, declarando o bloqueio continental a Inglaterra, Portugal tentou manter-se neutro, mas ao saber das tropas napoleônicas marchando rumo a Lisboa, não vê alternativa se não ceder às exigências francesas e se defender de um possível ataque da armada Britânica (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p. 76).

Quinquênio	Minas Gerais	Goiás	Mato Grosso	Media anual
1700-1705	1.470	0	0	1.470
1706-1710	4.410	0	0	4.410
1711-1715	6.500	0	0	6.500
1716-1720	6.500	0	0	6.500
1721-1725	7.000	0	600	7.600
1726-1729	7.500	0	1.000	8.500
1730-1734	7.500	1.000	500	9.000
1735-1739	10.637	2.000	1.500	14.134
1740-1744	10.047	3.000	1.100	14.147
1745-1749	9.712	4.000	1.100	14.812
1750-1754	8.780	5.880	1.100	15.760
1755-1759	8.016	3.500	1.100	12.616
1760-1764	7.399	2.500	600	10.499
1765-1769	6.659	2.500	600	9.759
1770-1774	6.179	2.000	600	8.779
1775-1779	5.518	2.000	600	8.118
1780-1784	4.884	1.000	400	6.284
1785-1789	3.511	1.000	400	4.911
1790-1794	3.360	750	400	4.510
1795-1799	3.249	750	400	4.399

(Adaptado de PINTO, *apud* ARRUDA, 2000, n.46, p. 74).

No que diz respeito à economia, esta extração de ouro e pedras preciosas no Brasil, foi muito importante, pois impulsionou o crescimento estrutural e econômico da colônia e para os Portugueses não foi menos importante, ajudou-os a desafogar as dívidas com os Ingleses e a manter os tratados de comércio com os mesmos, levando em conta que grande parte, se não a maior de toda extração aurífera no período teve destino para as terras inglesas (ARRUDA, 2000, p. 70).

Com a partida da coroa para a colônia, Portugal acaba por definir os fatos que estavam por acontecer, isolando-se do comércio mercantil durante cerca de seis anos, tratados, crise econômica e política acabaram por ruir com sistema colonial, sem opções a monarquia acaba por aceitar a independência, para que não se perdesse o poder monárquico em Portugal (MALERBA; PEDREIRA, 2006, p.78).

CONCLUSÃO

Todos os fatores vistos interferiram nos caminhos que de maneira ou outra tiveram seu papel na independência do Brasil, sejam eles de natureza política, econômica ou mesmo acontecimentos alheios como a guerra, estes e outros guiaram a colônia brasileira aos rumos da independência. Chegando a conclusão então que baseado nas vertentes estudadas, há toda uma estrutura na qual a colônia participa direta ou indiretamente e sua independência veio como consequência destes diversos acontecimentos, o que demonstra a grande importância de coletar dados de diversas fontes, para que possamos ter uma pesquisa de caráter analítico e não apenas mais uma transcrição de fatos “tal como aconteceram”, esse debate historiográfico é importante para desconstruir visões engessadas a respeito da independência do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Decadência ou crise do império luso-brasileiro: o novo padrão de colonização do século XVIII. **REVISTA USP**, S/V, n.46, 66-74, junho/agosto, 2000.

CROUZET, Maurice. **História geral das civilizações** – 15 – Tomo VII – E época contemporânea Vol.3 : O desmoronamento dos impérios coloniais O surto das ciências e das técnicas . Paris: DIFEL, 1963.

GOTTERI, Nicole. **Napoleão e Portugal**. Paris: Teorema, 2004.

MALERBA, Jurandir. **A independência Brasileira**: novas dimensões. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005.

PAULA, João Antônio de. **O Prometeu do sertão**: economia e sociedade da capitania das Minas dos Matos Gerais. Tese de doutorado. São Paulo: USP. 1988. p. 426.

PINTO, Virgílio Noya. **O ouro brasileiro e o comércio Anglo-Português**. São Paulo, SP: Nacional, 1972.

RIBEIRO, José Martins. A importância do Bloqueio Continental para o futuro de Portugal e do Brasil. **Revista da faculdade de Letras HISTÓRIA**, 10, III, 63-69, s/m, 2009. (Universidade do Porto)

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação Brasileira**: a organização escolar. Campinas, SP: Editora Autores e Associados LTDA, 2007.